
**O ARQUIVO PESSOAL DE HELITON SANTANA:
FONTE DE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA**

HELITON SANTANA'S PERSONAL ARCHIVE: SOURCE OF INFORMATION AND MEMORY

Valdir de Lima Silva

Doutor em Ciência da Informação e Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduação em Gestão Pública pela Universidade Norte do Paraná; em História e Arquivologia pela UFPB. Professor da Faculdades Integradas de Patos e da Faculdade São Judas Tadeu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8847-9639>. Email: valdirpoesia@gmail.com

Maria Nilza Barbosa Rosa

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Ciência da Informação pela UFPB. Graduação em Pedagogia pela Associação Educativa Evangélica. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2476-2793>. E-mail: maria.nilvia@gmail.com.

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar a constituição da informação e da memória a partir do arquivo pessoal de Heliton Santana, contidas nos itens documentais, à luz da concepção teórica da escrita de si. A apreciação dos atributos memorialísticos foi norteadada pela perspectiva da pesquisa documental associada à técnica da entrevista livre. A partir da análise e interpretação dos dados, foi possível delinear a trajetória, como também identificar os traços significativos da constituição do arquivo. Conclui-se que o arquivo pessoal de Heliton Santana se configura como registro material de autobiografia, constituindo-se como uma significativa fonte de pesquisa, capaz de evidenciar os traços memorialísticos de sua produção cultural e de sua militância. Pretende-se contribuir, dessa forma, para a preservação de sua memória e de grupos de pessoas que dedicaram e dedicam parte de suas vidas à luta de causas coletivas.

Palavras-chave: Informação-Memória. Movimentos Sociais. Arquivos Pessoais. Heliton Santana.

ABSTRACT

The research aimed to analyze the constitution of information and memory from Heliton Santana's personal archive, contained in the documentary items, in the light of the self-writing theoretical conception. The appreciation of memorialistic attributes was guided by the perspective of documentary research associated with the technique of free interview. From the data analysis and interpretation, it was possible to outline the trajectory, as well as to identify the meaningful features of the archive constitution. It is concluded that Heliton Santana's personal archive is structured as an autobiographic material record, constituting itself as a significant source of research, capable of showing the memorialistic traces of his cultural production and militancy. It intends to contribute, in this way, to the preservation of his memory and of groups of people who have dedicated and dedicate part of their lives to the fight of collective causes.

Keywords: Information-Memory. Social Movements. Personal Archives. Heliton Santana.

1 INTRODUÇÃO

Dentro das Ciências Sociais há um movimento de reconstruir histórias de vida, biografias, a partir de arquivos privados pessoais, porém é importante ressaltar que nem todos os documentos dos arquivos são exclusivamente de caráter privativo. Alguns ganham o caráter de privado por pertencerem a um proprietário, todavia alçam o interesse público. No caso dos arquivos privados pessoais, ainda são incipientes as pesquisas que se debruçam sobre este campo frutífero, sobretudo em caráter analítico pelo viés da construção de uma escrita de si (FOUCAULT, 1992) ou em caso de fazerem referência a memórias de seu produtor. Isso se dá em razão de grande parte desses acervos não estarem disponíveis ao público tanto no modo analógico como no digital. Em outros momentos, eles se encontram na linha tênue do privativo, outros pela falta de condições técnicas de organização e tratamento dos documentos, e, pela ausência de tecnologias que viabilizem a disponibilização e compartilhamento de informações por meio digitais. Do ponto de vista de espaços, eles limitam o acesso e geram a problemática do silêncio ou ocultamento da memória (ASSMANN, 2011). Tudo isso associado contribui para uma incompreensão da dinâmica dessa categoria de arquivos.

Destacamos o arquivo pessoal do paraibano Antonio Heliton Santana,¹ como fonte de informação e memória. A arte engajada exercida por ele ajudou a disseminar o conhecimento, a informação e formação de uma “massa despolitizada”², por meio da defesa das ideias de liberdade, de igualdade perante a lei, de direitos individuais e de legalidade institucional.

Assim caminhando, nosso protagonista enveredou pelos movimentos sociais, políticos, sindicais e religiosos, oscilando da Teologia da Libertação da Igreja Católica - surgida na década de 1960, expandindo-se com muita força na América Latina - às religiões afro-brasileiras como o Candomblé e a Umbanda.

Enveredou, também, pelos caminhos das artes integradas: dança, teatro, poesia, música, literatura de cordel, cinema, indo de protagonista a produtor, sempre com foco pautado na informação forte (MORIN, 1999) e no respeito ao outro. Essa trajetória revela sua atuação cultural, de produtor, disseminador de informações de parte da memória de vários movimentos sociais na Paraíba, dos quais foi cofundador, a saber: Movimento de Teatro

¹ Daqui em diante, utilizaremos neste trabalho apenas o nome Heliton Santana.

² Esta expressão foi utilizada pelo Movimento de Teatro Popular para Plateia na Paraíba em meados da década de 1970, quando da efervescência da Teologia da Libertação.

Popular, Movimento Negro da Paraíba, Movimento de Adolescentes e Crianças, Associação de Transplantados Renais da Paraíba.

A ausência de uma organização da memória dos movimentos sociais na Paraíba, dos quais Heliton Santana militou é percebida nos espaços de preservação dessas memórias. Assim, o percurso teórico dialoga a todo o momento com a experiência existencial de nosso protagonista, pois, como aponta Gomes (2004), há um lugar de fala que situa sua vivência e a de quem lê seus escritos, ou seja, a escrita de si.

Gomes (2004, p. 10) esclarece que a escrita de si “integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si”. Essa produção pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre indivíduo moderno e seus documentos, preservando-se a memória documental.

No caso dos arquivos pessoais, a sua formação se concretiza na medida em que o titular passa a agrupar documentos resultantes de conjuntos de atos, em concordância com o seu modo de vida. Nesses arquivos, como alertam Duarte e Farias (2005), é comum encontrarmos documentos que enaltecem a imagem do titular e de seus pares, e podem representar sempre o vínculo pessoal que o titular mantém ou manteve com o mundo.

Em nosso trabalho, utilizamos a produção de Heliton Santana como artefato memorialístico, abrindo caixas, remexendo baús, revisitando correspondências, diários, documentos, enfim. Desse modo, foi possível observar, por meio dos rastros e vestígios (GINZBURG, 2006), as particularidades da vida de nosso protagonista, através de sua produção, criando informações de natureza cultural configuradas em documentos que guardam a memória de um militante e pesquisador da cultura popular.

Heliton Santana produziu peças teatrais, criou e organizou movimentos sociais, refletiu e descreveu sobre itens documentais, os quais podem ser concebidos como decorrentes da intenção de fixar identidade informacional no seu arquivo.

Afora o acervo do Centro de Documentação Popular (CEDOP), que se encontra no Arquivo da Arquidiocese da Paraíba³, e alguns documentos no Núcleo de Documentação Histórica Regional (NDHIR) da Universidade Federal da Paraíba, todo o arquivo de Heliton Santana encontra-se sob a responsabilidade de Valdir de Lima Silva (Curador).

³ Localizado no Palácio do Bispo – Praça Dom Adauto. Centro, João Pessoa.

Vale destacar que priorizamos neste trabalho a documentação relacionada aos movimentos sociais na Paraíba, especialmente, o Movimento Negro, sua atuação no teatro popular, e ainda, os documentários por ele produzidos.

Essa memória poderá se afirmar no registro e salvaguarda de diversas organizações sociais, das quais Heliton Santana foi fundador, colaborador e militante por mais de quatro décadas. Fazer esse caminho e revisitá-lo através da arte sem fronteiras, das ruas do Bairro Popular em Santa Rita-PB, do jornal *Negra Voz* e de ser documentado pela BBC de Londres, é captar não apenas o percurso de homem negro, mas sua intervenção no tempo e espaço. Dessa forma, o acervo de conhecimento e informações, do que ainda está implícito e velado, precisa ser descoberto, isto é, visibilizado.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A problemática aqui abordada tem como espaço a prática de pesquisa que buscamos referenciar como atividade na produção do conhecimento, entendendo que a pesquisa é um trabalho em processo. Adotar uma metodologia significa escolher um caminho, o qual, muitas vezes, requer ser reinventado a cada etapa. As atividades de pesquisa estão associadas com a produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o pesquisador teve a ideia da pesquisa até o momento em que os resultados de seu trabalho são aceitos como parte integrante do conhecimento científico (GARVEY, 1979).

Como assevera Demo (1991), o trabalho científico, propriamente dito, é avaliado, pela sua qualidade política e pela sua qualidade formal. Qualidade política, como destaca o autor, refere-se fundamentalmente aos conteúdos, aos fins e à substância do trabalho científico. Qualidade formal diz respeito aos meios e formas usados na produção do trabalho.

Minayo (1993), por sua vez, considera a pesquisa como uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. Para a autora, trata-se de “uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (MINAYO, 1993, p.23). A pesquisa é, portanto, um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que tem por base procedimentos racionais e sistemáticos

A abordagem qualitativa *do tipo documental*, segundo Helder (2006, p. 12), “vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor”. Neste tipo de pesquisa, deve-se atentar para uma análise cuidadosa, “visto que os documentos

não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p.70). Com efeito, há uma estreita ligação entre as memórias e as anotações como fontes documentais.

Tendo como fonte principal o arquivo pessoal de Heliton Santana, a pesquisa documental fez com que recuasse no tempo e verificássemos a atuação de nosso protagonista no âmbito da cultura popular e dos movimentos sociais na Paraíba. Nesse caso, propusemos a entender a lógica do acervo como fonte de informação. Essas fontes nos induziram à busca e à adoção do conceito de *análise documental* que, segundo Aróstegui (2006, p.508), é “um conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado processo de memória”.

Como aponta Aróstegui (2006, p.480), “há uma relação intrínseca com a temporalidade e a singularidade do objeto de estudo, que se sustenta em dados memorialísticos, revelados através de “vestígios, relíquias e testemunhos”, constituindo as fontes de uma memória extraída de um arquivo pessoal, acumuladas, tratadas e compiladas. Segundo este autor, “a análise documental envolve a comprovação de técnicas explícitas, erudição literária, crítica histórica e análise da fonte” (ARÓSTEGUI, 2006, p.480).

Quanto ao processo de pesquisa no arquivo pessoal de Heliton Santana, consideramos que foi lento e gradual, pois buscamos direcionar os materiais arquivísticos para o manuseio de reconhecimento no processo de tratamento e organização da massa documental. Começamos pela seleção dos documentos arquivados, bem como a responsabilidade no manuseio, na clareza sobre a natureza da unicidade documental (BELLOTTO, 2004) e nos deparamos com várias memórias em um baú fechado, mas que logo se abriria para futuras pesquisas.

O processo de leitura de cada documento ocorreu primeiramente de forma assistemática, apenas para reconhecimento. Depois foi a vez da leitura de cada documento do acervo, o que nos proporcionou um trabalho contínuo de investigação, de análise do tipo documental num confronto com os depoimentos das personagens entrevistadas para a pesquisa.

Assim, atentamos para as mediações e práticas, usos e destinos dos documentos, pois a maneira como se acumulam, se organizam e se armazenam nos arquivos parece querer defrontar-nos com um itinerário próprio, uma escrita de si, com vistas a orientar a própria leitura e interpretação. Neste trabalho, as fontes documentais foram obtidas de acordo com as etapas a seguir.

Além das fontes documentais, selecionadas para análise, realizamos a *entrevista livre* com pessoas que conviveram com Heliton Santana, em suas relações pessoais e profissionais, como uma das formas de complementarmos as coletas de dados. Como afirma Minayo (1993), se as entrevistas forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um dos entrevistados percebe e significa sua realidade.

Além disso, como assegura Minayo (1993), a entrevista favorece o levantamento das informações, permitindo ao entrevistador compreender a lógica que preside as relações entre as pessoas ou grupos, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. Ao nos aproximarmos de cada entrevistado, expusemos a temática, e eles falaram com base no seu repertório de conhecimentos e informações, de lembranças e recordações.

A escolha dos entrevistados se deu pela familiaridade com o nosso objeto de estudo. Eles nos ajudaram a traçar o perfil de Heliton Santana como militante social, como se pode conferir no quadro a seguir:

Quadro 1 – Sujeitos da pesquisa (Entrevista livre)

Marta Santana	Viúva de Heliton Santana
Andila Nahusi	Primeira filha de Heliton e Marta Santana
Caiala Nahahy	Segunda filha de Heliton e Marta Santana
Dulce Santana	Irmã de Heliton Santana
Padre Luiz Couto	Ex-membro do CEDOP
Branca Barbosa	Ex-integrante do grupo: Teatro, Luta e Libertação (TELL) e Anima-Ação

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Esclarecemos que não se trata de um trabalho com proposta de amostragem. Nosso intuito foi registrar a narrativa de pessoas que conviveram com o nosso protagonista e, através dela, a vivência e o pensamento de cada entrevistado nesse enlace. Este registro alcança uma memória pessoal que é também uma memória social, familiar e grupal.

Todas as entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas, para retirarmos delas as diversas possibilidades de interpretação, as diferentes leituras sugeridas pela entonação, pela ênfase, pela emoção, pelas pausas, pelos silêncios e até pelo gestual (PORTELLI, 1997, p.2). Este autor assegura que grande parte das informações pode se perder na passagem da oralidade ao documento escrito, por isso deve-se procurar garantir, na transcrição, a fidelidade à intenção e à memória do entrevistado.

Todo esse contexto faz com que o arquivo não se reduza à guarda da memória, mas extrapola a tal função, como afirmam Barros e Neves (2009). Sendo assim, “Ele representa um meio necessário para a definição social e cultural, assumindo uma postura de mediação na conquista de direitos, no que tange à aquisição e à criação de novos conhecimentos” (BARROS; NEVES, 2009, p. 60).

Ressaltamos a descrição e a divisão do Arquivo Pessoal de Heliton Santana, como se pode conferir abaixo:

a) A biblioteca pessoal de Heliton Santana foi doada para a biblioteca do CEDHOR - Centro de Defesa dos Direitos Humanos Dom Oscar Romero em Santa Rita. À exceção das memórias escritas por Heliton, a documentação referente ao CEDOP, com a extinção desse Centro, foi para o Arquivo da Arquidiocese da Paraíba. A documentação é referente à parte administrativa e ao acervo produzido como: cartilhas, livretos, jornais, entre outros.

b) O acervo audiovisual do CEDOP contém, aproximadamente, mil e quinhentos itens produzidos pelo órgão com temática relacionada aos movimentos sociais, como a CPT, MTP, MNPB, MAC, entre outros. Este foi acomodado no SINTRICOM até qualquer outra decisão por parte dos sócios fundadores do CEDOP, sendo Heliton Santana representado por Marta Santana, podendo ambos ser pesquisados.

c) O acervo de livros de Heliton foi doado à Biblioteca do CEDHOR. Os demais documentos que fazem parte do acervo ficaram sob a responsabilidade do curador do arquivo e encontram-se desde 2011, em sua residência, acomodados em um baú de madeira. De certo modo, o arquivo já vira organizado por Heliton quando naturalmente o produzia.

O que tornou o trabalho mais fácil de entendimento foi o fato de que o pesquisador fez parte de muitos momentos vividos e narrados na documentação (textos, fotos, notícias e audiovisuais). Paradoxalmente, a proximidade com a personagem central e com os fatos tornou, também, mais difícil de fazer o distanciamento necessário para a pesquisa, sendo um exercício e aprendizado diários.

Alguns quadros referentes ao arquivo de Heliton Santana foram construídos, para ilustrarmos e representarmos imgeticamente a divisão do arquivo e a organização da documentação.

Quadro 2 – O Arquivo Pessoal de Heliton Santana em diferentes espaços

Arquivo da Arquidiocese da Paraíba (João Pessoa)
Arquivo do SINTRICOM (João Pessoa)

Arquivo privado de Valdir Lima: Fundo Heliton Santana (Santa Rita)
Biblioteca do CEDHOR (Santa Rita)

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Sobre arquivo, a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) (2006, p. 14-15) utiliza os seguintes elementos: a) *Autor* como “Designação genérica para quem cria um documento”; b) *Dossiê* como “Unidade de arquivamento constituída de documentos relacionados entre si por assunto (ação, evento, pessoa, lugar, projeto)”; c) *Entidade Coletiva* como “Grupo de pessoas que agem de maneira organizada e é identificado por um nome específico, variando no seu grau e forma de organização, como instituições e movimentos sociais, políticos, econômicos, científicos, culturais, militares e religiosos, bem como feiras, seminários, congressos, expedições, naves, aeronaves e embarcações”; d) *Fundo* (arquivo) como “Conjunto de documentos de uma mesma proveniência”.

Na esteira do pensamento de Bellotto (2004), podemos dizer que o arquivo de Heliton Santana trata-se de um “Fundo Fechado”, uma vez que o autor do arquivo é falecido e não produz mais documentos.

O arquivo de Heliton Santana conta com álbuns de fotografias, alguns panfletos e recortes de jornais que noticiaram as apresentações do MARCA e do Anima-Ação na Europa, organizados por ele e por Marta Santana. Os textos teatrais foram todos catalogados por Branca Barbosa desde o período do grupo TELL, seguindo-se com Anima-Ação. O arquivo conta, além da documentação em suporte de papel, também com audiovisual, imagética, com parte do figurino de espetáculos do Anima-Ação, acessórios utilizados nos espetáculos teatrais, e uma grande coleção de discos em vinil, fitas de gravador, fitas cassete.

A partir de documentos arquivísticos, capitaneados nesse arquivo, evidenciamos uma produção contextualizada em época e lugar, com dimensão abstrata e simbólica, e de valor cultural.

Por fim, apresentamos as estratégias de construção da produção de Heliton Santana, de sua militância nos movimentos sociais e de sua atuação como produtor cultural e ator teatral. Desse modo, percorremos o seu Arquivo Pessoal, no intuito de divulgá-lo, para que sirva de fonte documental para outras pesquisas.

3 ARQUIVO E ESCRITA DE SI: espaço de tradução do eu

A diferença entre arquivo público e arquivo privado é relevante para o entendimento conceitual de arquivo pessoal. A lei de arquivo, Lei nº 8.159/91, dispõe sobre a política nacional de arquivos conceituando e estabelecendo a diferença entre arquivo público e arquivo privado. No artigo 7º, a lei define arquivos públicos como:

Os arquivos públicos são os conjuntos de documentos produzidos e recebidos, no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias (BRASIL. Lei nº 8.159, 1991, art. 7º).

Todas as unidades da administração pública ao produzir os seus documentos geram arquivos, os quais deverão estar disponíveis para a pesquisa, já que são de caráter público. As instituições privadas que desempenham serviços públicos também produzirão arquivos de caráter público, com ressalvas previstas na Lei de Acesso à Informação nº 12.527/2011.

Já o artigo nº 11 da Lei nº 8.159/91 conceitua arquivos privados como conjuntos de documentos oriundos de pessoas físicas ou jurídicas. Assis (2009), com base nessa lei, argumenta que arquivos privados abarcam tanto os arquivos institucionais como os arquivos pessoais sem considerar as suas especificidades. E como uma categoria de arquivo privado, Assis (2009) considera os arquivos pessoais interpretados, incluindo as suas características que os distinguem dos demais. Para o autor, os documentos produzidos e acumulados em decorrência das atividades de uma pessoa são os que compõem um arquivo pessoal.

Para Assis (2009), o local de origem de produção não satisfaz plenamente a diferença entre arquivo público e arquivo privado. Por essa classificação, os documentos da administração pública estariam classificados como públicos e os acumulados por uma pessoa como pessoal (privado), conforme definido na Lei nº 8.159/91, reforça o autor.

Como assevera Assis (2009), há casos em que o limite dos documentos em serem privados e públicos é tênue e busca uma melhor definição para arquivo pessoal, tendo como base a acumulação e produção de documentos: “é a pessoa, a partir de seus critérios e interesses, que funciona como eixo de sentido no processo de constituição de arquivo” (ASSIS, 2009, p. 45).

O titular acumula os seus documentos de acordo com as atividades que desempenha durante a sua vida e é na esfera privada que ele decidirá quais desses documentos irão compor o seu arquivo. O acervo se tornará público de acordo com o valor que esse receberá posteriormente.

Pela vasta quantidade de documentos autobiográficos que os arquivos pessoais possuem, eles podem ser considerados como uma escrita de si, isto é, uma produção do eu

(OLIVEIRA, 2018). Certamente não são todos os arquivos pessoais que podem ser considerados produções de si, somente por conter diversos documentos autobiográficos, assegura Oliveira (2018). Para a autora, o que os caracteriza de tal modo é a forma de acumulação dos documentos neles contidos que, segundo Heymann (1997), podem demonstrar a intenção de seu titular de torná-los públicos.

Para Heymann (1997), o processo de acumulação e a organização dos registros documentais presentes nos arquivos pessoais podem passar por diversos critérios bem como podem variar segundo avaliações táticas do tempo presente relativas a projetos significativos em algum período para o titular ou de suas posições sociais ocupadas. A exigência do arquivamento de si não possui apenas uma função ocasional. O sujeito deve manter seus arquivos de vida para ter sua identidade reconhecida, para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro e, sobretudo, existir no cotidiano (ARTIÉRES, 1998).

Para o autor, o titular ao escolher e ordenar alguns acontecimentos traça o sentido que deseja dar à sua vida e considera que “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÉRES, 1998, p. 11).

Nesse sentido, diríamos que é uma espécie de “feitiço dos arquivos privados”. O termo “feitiço dos arquivos privados” é esclarecido por Gomes (1998) como um feitiço que se traduz por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público. Assim, "ele revelaria seu produtor de forma que aí ele se mostraria, e o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros” (GOMES, 2004, p. 125).

Ao tratar da escrita de si, a autora argumenta que:

Trata-se de um conjunto de ações, considerando desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita, como é o caso das autobiografias e os diários, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar coleções (GOMES, 2004, p.11).

Para Heymann (2005, p.41-42), o interesse dos pesquisadores pelos arquivos pessoais parece repousar “na expectativa deste contato com a experiência de vida dos indivíduos cuja memória fica acessível aos que examinam sua papelada, vista como repositório seguro dos registros de sua atuação, pensamento, preferências, pecados e virtudes”.

Bellotto (2004) assegura que os arquivos pessoais podem ser classificados de acordo com a natureza de sua produção. A primeira divisão ocorre entre arquivos pessoais e

institucionais, ou arquivos de pessoas físicas e arquivos de pessoas jurídicas de direito privado. A autora assevera que na categoria pessoal estão incluídos os arquivos produzidos por pessoas físicas e por grupos familiares, criando uma categoria específica, como extensão do conceito de arquivo pessoal.

A denominação Arquivo Social, para se referir a arquivos de entidades organizadas para desenvolvimento de atividades em benefício de um grupo social qualquer, é utilizada por Bellotto (2004), incluindo neste conceito “associações de classe, entidades educacionais e beneficentes, entidades religiosas, culturais, entre outras possibilidades” (BELLOTTO, 2004, p. 255).

Bellotto (2004) entende que a preservação dos documentos privados é um problema complexo, e as questões de recolhimento, sonegação e destruição de papéis apresentam facetas mais complexas especificamente quando voltada para o privado. Assim para a autora:

Isto porque atos ligados aos deslocamentos de fundos, aos critérios de avaliação, à proibição de expurgo indiscriminado e de exportação podem ser determinados por leis municipais, estaduais e federais, com validade nas suas respectivas jurisdições, quando o que está em causa são documentos produzidos pelo poder público. No caso dos acervos privados é apenas a sensibilização, por persuasão, por especiais interesses e concessões que certos acervos podem ser resgatados para a pesquisa histórica (BELLOTTO, 2004, p.258).

Os arquivos de interesse público e social, a efetividade de qualquer processo de preservação, estarão sujeitos ao desejo voluntário do titular em recolher estes documentos a uma instituição de custódia de arquivos permanentes e permitir o acesso público a eles.

4 HELITON SANTANA: MEMÓRIA DE SI, MEMÓRIA COLETIVA

Foi em 04 de agosto de 1950 que nasceu Antônio Heliton Santana, em Santa Rita, uma cidade localizada na Região Metropolitana de João Pessoa, onde prosperou a cultura da cana-de-açúcar. A cidade abriga um universo artístico, composto por atores, repentistas, músicos, dançarinos, coreógrafos, poetas, artesãos, cineastas, artistas plásticos, entre outros.

O menino, filho de seu Severino Joaquim de Santana, conhecido por “Burro Preto”, e dona Maria da Penha Santana, morava com os pais no antigo Bairro do Cercado, que passou a chamar-se Bairro da Liberdade. Seu pai era mecânico de automóveis e a mãe, dona de casa. Uma família de cinco irmãos, sendo quatro homens. Todos falecidos e uma única irmã, Dulce, ainda viva.

Heliton Santana participou ativamente da prática docente, dos movimentos sociais e culturais populares, tendo uma vida produtiva. Destacar sua participação nesses campos significa dar o justo reconhecimento a um homem que batalhou pela cultura na Paraíba.

Esse santa-ritense quando criança estudou o curso primário no Colégio Estadual de Santa Rita, hoje Escola Estadual Antônio Teixeira, no Centro da cidade. Ingressou através do Exame de Admissão no ginásio aos 14 anos. No ano de 1965 ao de 1968, concluiu o 1º Ciclo e começou o segundo, o curso científico, que foi realizado no período de 1969 a 1971, ambos no Colégio Estadual de Santa Rita, hoje Escola Integral Cidadã Enéas Carvalho.

Em 1972, Heliton Santana atuou como docente no Ginásio Augusto dos Anjos em Santa Rita, ministrando aulas de artes. Nessa ocasião, para festejar o aniversário do primeiro ano da instituição das freiras holandesas, ele montou o espetáculo “Brasil Caboclo” de Zé da Luz, que culminou com o nascimento do grupo TELL, extinto em 1989.

Foram 18 espetáculos, sendo um deles “Axé, Resistência Negra”, filmado pela BBC de Londres em Recife (1985). Em 1992, criou o Departamento de Teatro Popular, uma organização no Nordeste com D. José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba. Ainda em 1992, criou o movimento de teatro popular e o Centro de Documentação Popular (CEDOP).

A vida de Heliton Santana segue no ritmo agitado, parecendo não querer perder tempo tanto na vida laboral como na vida amorosa. Assim, a vida vai tecendo os caminhos. Foi então que Marta e Heliton se conheceram, namoraram por dois anos seguidos, e, quando ele foi aprovado no concurso público do Estado da Paraíba, decidiram casar-se.

A liturgia do casamento fugiu dos padrões tradicionais de casamentos cristãos, especificamente de tradição católica, em pleno início da década de 1980. O casal, com roupas brancas e pés descalços, a noiva sem véu e maquiagem, recitava poemas bíblicos, extraídos do livro Cântico dos Cânticos, e simula cenas teatrais, onde se perdia na multidão de convidados. Heliton recitava um trecho e Marta respondia até se encontrarem diante do Arcebispo Dom José Maria Pires. A festa foi comemorada com músicas do folclore e do cancionário da MPB. Teve um momento em que as pessoas dançaram o toré, típico das tribos indígenas da Baía da Traição. O evento foi tema dos mais diversos comentários, devido ao seu caráter transgressor e inovador.

A vida conjugal de Heliton e Marta Santana foi marcada por companheirismo, bastante trabalho coletivo e pouco lazer. As turnês do grupo de teatro ocupavam os fins de semana, e durante a semana estavam envolvidos em atividades pastorais diversas. As filhas Andila e Caiala nasceram e cresceram em meio a essa rotatividade, além de crescerem

vivenciando as lutas nos movimentos sociais. Marta, assim como Heliton, viajou muito. Ela fez parte da coordenação nacional do MAC, passando a realizar trabalhos em todo o país, assim como em outros países e continentes.

Marta Santana relata que viajou para África do Sul, em pleno período do *apartheid*. Momento delicado politicamente, e ela disse poder sentir na pele o racismo. Em uma ocasião festiva no evento, vizinhos do local de cor branca ligaram para a polícia por se sentirem incomodados com os tambores e, implicitamente, a cor da sua pele, lembrando que foi o regime do *apartheid* que retirou os direitos dos negros e deu privilégios aos brancos, minoria naquele país.

No ano de 1998, a Escola Estadual Enéas Carvalho, na qual Heliton estudou, realizava a Semana Cultural Heliton Santana em parceria com o NUDOC/UFPB e o comércio local. Por época desse evento, o médico conversou com Heliton e o comunicou que poderia ter poucos meses de vida devido ao agravamento da doença, descoberta tardiamente. Contrariando as expectativas, ele ainda viveu 14 anos após essa notícia, inclusive tendo feito o transplante renal por um doador de 26 anos, que veio a óbito em acidente automobilístico.

Durante todo o processo de descoberta, tratamento, transplante e passagem de Heliton Santana, houve muito sofrimento por parte dele, da família e de pessoas amigas. Ele, que sempre foi contrário à privatização da saúde e lutava pelo direito ao Serviço Único de Saúde (SUS) com qualidade, precisou fazer urgentemente um plano de saúde para poder submeter-se ao tratamento, visto que seu estado se agravou. O Instituto Nacional de Serviço Social (INSS), de imediato, exigiu seu afastamento e aposentadoria por invalidez, o que, segundo Marta Santana, foi um choque para ele, que se recusou a deixar de trabalhar, contestando no INSS, mas esta decisão era irrevogável.

5 UM CICLO QUE SE FECHA

Silenciam-se as atividades intelectuais; silencia-se a militância; silenciam-se as dores do corpo; silenciam-se as esperanças: “Um brilho cego de fé” se finda. Alguns fatos guardam a lembrança: era uma quarta-feira, dia quatro de setembro de 2011, quando fomos informados sobre o quadro de saúde de Heliton, que se agravaram. Logo depois, ele faria a passagem. Do choque à articulação para o velório. Ele seria velado na Câmara Municipal de Santa Rita, por tratar-se de uma figura ilustre da cidade. À noite, o corpo passou pela Central de Velório da

Maternidade Flávio Ribeiro Coutinho, seguindo para a Câmara Municipal, onde as pessoas amigas e populares começaram a chegar. Foi grande a movimentação de pessoas ligadas às pastorais sociais e de todos os movimentos que ele fez parte, direta ou indiretamente. Vivenciei todos esses últimos momentos.

O que seria um velório comum transformou-se num evento social com pessoas de todo o estado da Paraíba e de outras cidades do Nordeste como: Recife, Natal, Mossoró, entre outras. Representantes de diversos movimentos sociais, sindicais, partidos políticos, lideranças religiosas ecumênicas (católicos, umbandistas, candomblecistas) e autoridades políticas, com reverências através de coroas de flores enviadas pelo prefeito de João Pessoa, Luciano Agra, o governo do Estado, Câmara de Vereadores de Santa Rita e Assembleia Legislativa da Paraíba. O governador Ricardo Coutinho esteve presente, bem como o deputado estadual Frei Anastácio e o deputado federal Luiz Couto.

Assistimos a alguns depoimentos e testemunhos sobre a importância de Heliton Santana nas suas vidas, inclusive uma breve apresentação musical da cantora Vera Lima. Após as homenagens, seguiu-se o cortejo pelas principais ruas do centro até o Cemitério Santana, com revezamento de pessoas conduzindo a urna funerária, e, ao som de violão, cantamos músicas do repertório afetivo de Heliton e dos espetáculos teatrais: músicas de Gilberto Gil, Milton Nascimento, Djavan e Chico Buarque.

A Câmara Municipal de Santa Rita por meio do então vereador Moisés Virgínio Barros (Moza) aprovou por unanimidade um voto de pesar à família Santana. A missa de sétimo dia aconteceu no Santuário Santa Rita de Cássia, em Santa Rita, tendo sido celebrada por Frei Anastácio, e a liturgia fora realizada. Já a missa de trinta dias foi celebrada por Padre Luiz Couto, D. José Maria Pires, e Frei Anastácio, nesse Santuário, com a presença de pessoas amigas, admiradoras e militantes dos movimentos sociais. À hora do sermão, D. José Maria Pires fez uma analogia da trajetória de vida de Heliton à vida de dois líderes espirituais: Jesus e São Francisco de Assis. Ele esclareceu que a tríplice comparação deveu-se a uma vida simples e voltada para a caridade e o amor às pessoas oprimidas.

Historicamente, o ser humano sempre necessitou do contato social. A amizade é um fator importante e fundamental à vida das pessoas, e Branca Barbosa, como já dissemos anteriormente, uma das amigas de Heliton e Marta Santana, atriz e também ativista, demonstrou ter esse sentimento, sempre ao lado do amigo, nos momentos mais difíceis, levando confiança e carinho.

Com o desencarne do líder, restou seu acervo composto de documentos manuscritos, datilografados, digitados, xerocopiados, fotografias, roupas, livros, cadernetas de anotações, gravações de depoimentos, entre tantos outros que juntos formam o baú das memórias de um militante.

PALAVRAS FINAIS: IDEIAS SINTETIZADORAS

Uma memória apagada é impossível de ser ressignificada, até porque não se recupera o vivido. Desse modo, entendemos ser importante a produção de pesquisas sobre arquivos pessoais, principalmente quando se aborda sobre a trajetória do titular do acervo. Os arquivos pessoais exercem papéis sociais importantes e representam a relação que o biografado teve com os registros que produziu em vida, configurando-se como suportes de suas memórias.

Como representante de uma memória individual, o arquivo de Heliton Santana, no seu conjunto, está ligado à trajetória dos movimentos sociais em Santa Rita e, por que não, em âmbito da Paraíba. Preservar essa memória individual é também preservar a memória de toda uma coletividade, sobretudo, considerando que toda memória individual está assentada nas relações com o coletivo; ademais, quando se percebe o seu arquivo sob muitos olhares, reconhecendo sua atuação nos movimentos sociais, sindicais, entre outros, numa perspectiva de dar voz, não a figuras isoladas, mas a grupos sociais por ela representados.

Ao longo deste trabalho, procuramos fazer um traçado do arquivo pessoal de Heliton Santana, como fonte de possibilidades de pesquisar outras memórias, com perspectivas diferentes, sobre os movimentos sociais na Paraíba num corte temporal entre 1970 e 2010.

No caso do arquivo pessoal de Heliton Santana, temos uma teia de personagens, grupos e eventos que caracterizam uma escrita de muitas mãos, falas de muitas bocas, numa dinâmica anti silenciamento. Nosso esforço foi significativo no sentido de buscar selecionar as informações a serem condensadas e ressignificadas de acordo com a proposta aqui aventada. Portanto, inferimos que a trajetória de Heliton Santana se fortalece a partir do seu arquivo pessoal, como uma trajetória de recuperação memorialística dos movimentos sociais na Paraíba, mais especificamente, na cidade de Santa Rita, PB.

REFERÊNCIAS

ABELLÁS, José Benito Yárritu. Arquivos pessoais, saberes coletivos: a organização da documentação pessoal e pública de cientistas – o caso Hussak, 2012. In: SILVA, Maria

Celina; SANTOS, Paulo Elian. **Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência**. Rio de Janeiro: FAPERJ. 2012. 191p.

ALONSO, Ângela. As Teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. In: **Lua Nova**, N. 76, 2009, p. 49-86. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452009000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em jun. 2019.

ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teórica e método**. Bauru - SP, Edusc, 2006.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.11, 1998.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BARROS, Dirlene Santos; DULCE, Amélia. Arquivo e memória: uma relação indissociável. **Transinformação**, Campinas, v. 21, n. 1, p. 5561, jan./abr., 2009.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL. **Lei nº 8.394**, de 30 de dezembro de 1991.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarves, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, B. M. J. F. de. **José Simeão leal: o editor público brasileiro**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2018.

NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 2006. 124p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto história. **História & cultura**. (Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP). São Paulo, dez. n. 10, 1993.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto história**, São Paulo, v. 14, fev,1997.

Recebido/ Received: 22/05/2020
Aceito/ Accepted: 09/11/2020
Publicado/ Published: 18/01/2021



Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)